

À vista do quarto de Getúlio, houve quem derramasse uma lágrima

O quarto de Getúlio e a gênese museológica do Museu da República

Upon seeing Getúlio's room, some shed a tear: Getúlio's room and the museological genesis of the Museum of the Republic

Recebido em: 20/10/2025

Aprovado em: 14/04/2026

Marcus Vinícius Macri Rodrigues

[Sobre o autor >>](#)

RESUMO

Neste artigo, pretende-se discorrer sobre a ligação do Museu da República como instituição museológica, criada em 1960, no contexto da mudança da capital para Brasília, com o recinto hoje conhecido como “Quarto de Getúlio Vargas”, localizado no terceiro andar do Palácio do Catete. Considerando fontes primordialmente jornalísticas, utilizando especialmente o acervo do Clipping da instituição, é apresentado um histórico do recinto e como este está ligado à gênese do Museu da República. Reflete-se sobre a museologia, a história e a memória que perpassam o local, afetando as escolhas museológicas, e demonstra-se como o local é um lugar de memória de certos grupos sociais ainda hoje. É evidenciada a tensão sobre o destaque que se dá ao recinto no âmbito do Museu da República entre o desejo de diminuir a predominância do tema no museu contra a demanda de parte da sociedade para a valorização deste local.

Palavras-chave: Museu da República; Getúlio Vargas; memória; história; museologia.

ABSTRACT

This article intends to discuss the connection of the Museum of the Republic as a museological institution, which emerged in 1960, in the context of the transfer of the capital to Brasília, with the enclosure now known as “Getúlio Vargas’ Room”, located on the third floor of the Catete Palace. Using primarily journalistic sources, especially using the institution’s Clipping collection, a history of the enclosure is presented and how it is linked to the genesis of the Museum of the Republic as an institution. It reflects on the museology, history and memory that permeate the place, affecting museological choices, and it is evident how the place is a place of memory for certain social groups even today. The tension over the prominence given to the enclosure within the scope of the Museum of the Republic between the desire to reduce the predominance of the theme in the museum with the demand of part of society for the valorization of this place is evidenced.

Keywords: Museum of the Republic; Getúlio Vargas; memory; history; museology.



Introdução

O Palácio do Catete, localizado na Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro, possui muitas camadas históricas: foi construído em meados do século XIX para ser a residência de Antônio Clemente Pinto, o Barão de Nova Friburgo - um imigrante português que chegou ao Brasil no início daquele século, enriqueceu com o tráfico de escravizados e com mineração, mas se tornou conhecido por ser um dos maiores produtores e exportadores de café no Brasil naquela época. Posteriormente, o edifício foi a sede da Presidência da República, entre 1897 e 1960, testemunhando diversos fatos históricos significativos para o Brasil. Após a mudança da capital federal para Brasília, o espaço foi transformado no Museu da República. O edifício é composto por diversos salões opulentos, com nomes grandiosos: Salão Nobre, Salão de Banquetes, Ministerial, Veneziano, Mourisco, entre outros (Rodrigues, 2017). No entanto, o espaço mais famoso e visitado é um quarto bastante simples, situado no terceiro pavimento. As paredes, diferentemente de outros recintos, não possuem decoração elaborada.

O que torna este quarto tão significativo é o trágico acontecimento que ali se deu, em 24 de agosto de 1954. Durante uma intensa crise em seu segundo governo, que envolvia até o atentado ao seu maior adversário político na época, o jornalista Carlos Lacerda, Getúlio Vargas, prestes a ser deposto da Presidência, tomou uma decisão drástica: pôs fim à própria vida. Naquele dia, o local se transformou no cenário de um dos momentos mais impactantes da história política do Brasil, que marcou a memória coletiva do país. Esse fato mudou os rumos da política em sua época, e até hoje gera grande comoção na sociedade. Mas não só isso. Getúlio foi o presidente que por mais tempo exerceu a chefia do Executivo no Palácio do Catete, para não dizer na história da República. Quase dezenove anos. Era um presidente que convivia com a vizinhança, e muitos que estão ainda vivos se recordam de sua presença no local.

Neste artigo, pretende-se discorrer sobre a ligação do Museu da República como instituição museológica, surgida em 1960, no contexto da mudança da capital para Brasília, com o recinto hoje conhecido como “Quarto de Getúlio Vargas”, localizado no terceiro andar do Palácio do Catete.

Getúlio Vargas

O trabalho de um historiador no Museu da República, independentemente de seu objeto de pesquisa, vai se deparar, uma hora ou outra, com o tema “Getúlio Vargas”. Ainda que não o tenha como objeto de pesquisa acadêmica, em algum momento terá que se debruçar sobre este assunto, seja para participar de alguma mesa redonda, fazer uma visita mediada ou mesmo responder ao público que frequenta a Instituição. É um grande desafio, hoje, em 2025, falar sobre Getúlio Vargas com o intento de contribuir com alguma novidade, tendo em vista a miríade de grandes pesquisadores que já se deteve no tema, publicando obras seminais, além de dezenas, centenas, talvez milhares de pesquisas de graduação e pós-graduação sobre o “Velho”.

Recapitulando rapidamente a vida de Getúlio Vargas (Brandi, 2001; Koifman, 1997, D’Araujo, 1997), nascido em São Borja, no Rio Grande do Sul, em 1882. Filho de militar e fazendeiro, foi também militar, mas se formou em direito. Envolveu-se com política desde cedo, tendo exercido diversos cargos políticos: deputado estadual, deputado federal, ministro da Fazenda no governo de Washington Luiz, presidente do estado do Rio Grande do Sul (equivalente ao atual cargo de governador) e candidato à Presidência em 1930, sendo derrotado no contexto de um sistema eleitoral não muito confiável para ninguém...

Assumiu a Presidência, em caráter provisório, após a Revolução de 1930. Suspendeu a Constituição de 1891 e dissolveu o Congresso. Extinguiu os partidos políticos e nomeou interventores em vários estados. Derrotou o Movimento Constitucionalista de 1932, em São Paulo. Com a promulgação da Constituição de 1934, foi eleito indiretamente para um mandato de quatro anos na Presidência. Em 1937, porém, antes que ocorresse nova eleição presidencial, ele determinou o fechamento do Congresso Nacional, instaurando a ditadura do Estado Novo. Em seu governo, ocorreu uma forte ampliação dos direitos trabalhistas, tais como a criação do salário-mínimo e da CLT. No plano econômico, o Estado teve atuação decisiva para o desenvolvimento industrial brasileiro. Em 1945, o fim da Segunda Guerra Mundial representou a derrota do nazifascismo na Europa.

No Brasil, intensificou-se a condenação à ditadura do Estado Novo, o que levou à deposição de Vargas.

Getúlio Vargas retornou à Presidência, após ser eleito com grande apoio popular, em 1950. Reforçou suas posições em prol do desenvolvimento autônomo do país, criando o atual BNDES e a Petrobras, e engajando-se na campanha “O petróleo é nosso”, entre outras ações. O seu governo nacionalista e trabalhista enfrentou forte oposição e denúncias de corrupção. Em 1954, foi acusado de cumplicidade em atentado contra o jornalista, deputado e líder da oposição Carlos Lacerda. Sob intensa campanha da imprensa e ameaçado de deposição, suicidou-se com um tiro no coração, em seu quarto no Palácio do Catete.

O quarto para Getúlio

O diário de Getúlio (Vargas, 1995), mantido durante doze anos (1930-1942), é uma grande fonte para pesquisas, para conhecer a visão que Getúlio possuía, ou queria deixar registrada, sobre os fatos nesses anos, e ajudou na realização de exposições e ações de diversas temáticas no Museu da República. Há ali o relato da Revolução de 1930, todas as crises que o governo provisório atravessou, o conturbado governo constitucional, o Estado Novo, o atentado que Getúlio sofreu, em 1938, realizado pelos integralistas, a relação ambígua que Getúlio manteve com estes, as desconfianças com os nazistas no Brasil e a crise da Segunda Guerra Mundial.

Mas, com relação ao tema deste artigo, é curioso perceber como o Palácio do Catete é citado no diário. Apesar das notas metodológicas do dicionário explicarem que não se referenciou os palácios do Catete e Guanabara por conta do volume de suas citações, praticamente diárias com relação ao Catete, estas eram quase monótonas, do gênero “fui ao Catete, onde despachei um volumoso expediente até tarde”. Não há descrições, elogios ou mesmo críticas, apenas referências ao escritório de Getúlio. A família Vargas ficou pouquíssimo tempo morando no Catete, após a Revolução de 1930, logo se mudando para o Palácio Guanabara, no bairro vizinho das Laranjeiras, e para o Palácio Rio Negro, residência de verão da Presidência da República, localizado na cidade de Petrópolis, no estado do Rio de Janeiro.

Dias 15, 16 e 17 [dezembro de 1930]

Dá-se a mudança para o Palácio Guanabara. Deixo este caderno no Catete e interrompo as anotações diárias (Vargas, 1995, p. 33).

Alzira Vargas, filha de Getúlio, também escreveu em suas memórias a razão dessa curta estadia.

Partimos todos de navio e chegamos a 14 de novembro, pela tarde, ao Palácio do Catete. [...] Que decepção o Palácio do Catete! Quartos enormes e desconfortáveis, mobília escura, sombria, cortinas severas. Um elevador perigoso e intermináveis escadas de mármore, mal iluminadas, davam acesso ao terceiro andar, considerado o de moradia. Dois banheiros apenas, praticamente um, pois o outro ficava ao lado do elevador, por onde subiam e desciam ministros em audiências importantes. Só podia ser utilizado fora das horas do expediente. Os quartos eram em número de dez e capazes de abrigar pelo menos cinco pessoas cada um. [...] Fui conhecer o segundo andar do Palácio, a parte destinada a recepções. Que diferença! [...] Tudo isso fechado e sem uso, a não ser em dias de gala. No primeiro andar, como sardinhas em lata, dezenas de funcionários tentavam pôr em dia o expediente (Peixoto, 2017, p. 74-75).

Nesse contexto não é difícil entender a rápida mudança... Cabe o registro de que Alzira Vargas tratou bastante do Palácio e suas memórias são muito ricas para entender a dinâmica do cotidiano do Palácio na Presidência. No segundo mandato, Getúlio decidiu residir no Palácio do Catete, aparentemente só por questões pessoais, como explicou sua filha.

Só passaram a fazer aposentos à parte depois da morte de meu irmão Getúlio, em 2 de fevereiro de 1943, quando minha mãe, profundamente abalada, passou a trocar os dias pelas noites, o que tornava as atividades de meu pai muito difíceis (Peixoto, 2017, p. 342).

No seu segundo mandato (1951-1954), Getúlio residiu no Catete, sem maiores destaques para o local, até sua morte, na manhã do dia 24 de agosto de 1954. Seu genro, Ernani do Amaral Peixoto, teria encontrado a Carta-testamento numa mesa do local (Lamarão, 2001).

O quarto que entrou para a história

Para compreender o papel do Quarto de Getúlio no Museu da República, é necessário recorrer a fontes jornalísticas, utilizando majoritariamente o acervo do Clipping dessa instituição e ainda jornais pesquisados na Hemeroteca Digital Brasileira, da Biblioteca Nacional. No período de 1960 até o fim da década de 1980, este artigo utilizará como fonte principal, mas não exclusivamente, o Clipping do Museu da República, disponível para consulta presencial no Arquivo Histórico Institucional. Dentro do universo de documentos dessa coleção, foram selecionados itens que mencionaram o Quarto de Getúlio ao longo do período em que o clipping foi realizado. É uma coleção com lacunas, especialmente a partir do fim dos anos 1980, mas que possui registros recolhidos de acordo com as possibilidades da época e que foram considerados importantes para a instituição no momento em que foram arquivados, especialmente quando se nota a quantidade de reportagens catalogadas denunciando críticas e mazelas pelas quais o Museu passou ao longo do período. Atualmente, com a possibilidade de pesquisas em acervos digitais de jornais e na hemeroteca digital da Biblioteca Nacional, é possível verificar os textos recolhidos pela instituição nos periódicos digitalizados e buscar preencher as lacunas temporais. A partir da década de 1990 até a atualidade, buscou-se as fontes em registros institucionais e em jornais digitalizados nas plataformas digitais citadas acima.

O Quarto de Getúlio como atração museológica possui uma história anterior ao próprio Museu da República. O jornal *Tribuna da Imprensa*, do jornalista Carlos Lacerda, na edição do dia 31 de maio de 1955, faz a seguinte nota:

Vão deixar o Catete os móveis de Vargas

Iniciativa de Café Filho – o quarto será reconstituído no Museu Histórico Nacional

Coube ao presidente Café Filho a iniciativa de determinar a transladação para o Museu Histórico Nacional, dos móveis e pertences do quarto em que morreu Getúlio Vargas, no Catete – eis o que declarou À TRIBUNA DA IMPRENSA o historiador Gustavo Barroso, diretor daquele museu. O Sr. Gus-

tavo Barroso disse que no museu existe uma Sala Getúlio Vargas onde são guardados os presentes que o ex-presidente da República recebia e enca-minhava para ali. Nesse aposento, será reconstituído o “quarto de Getúlio Vargas”, na disposição exata em que se encontravam os móveis a 24 de agosto de 1954.

O Sr. Gustavo Barroso está à espera dos móveis, que o Catete ficou de man-dar-lhe. E só depois de recebê-los e arrumá-los é que êle poderá anunciar o começo das visitas ao museu, para ver essa nova curiosidade (Vão deixar, 1955, p. 1).

O mesmo jornal, no ano seguinte, publicou a matéria “Uma visita ao Museu Histórico Nacional” (1956, p. 6), onde descreve o percurso expositivo da instituição e afirma que “o que, porém, bate o ‘record’ de visitação pública é a chamada ‘Sala 24 de agosto’, onde está reconstituído o quarto em que Getúlio Vargas se suicidou”.

A decisão de remontar o Quarto de Getúlio foi tomada quando se planejou o Museu da República, em 1960. Diversas reportagens, como esta do jornal *Última Hora*, de 8 de fevereiro de 1960, relatam a inicia-tiva de recriar o ambiente no Palácio do Catete, conforme desejo de Josué Montello, diretor do Museu Histórico Nacional, ao qual o futuro Museu da República seria vinculado administrativamente.

Museu da República

O Presidente Juscelino Kubitschek – segundo estamos seguramente infor-mados – já chamou ao Palácio das Laranjeiras o escritor Josué Montelo, diretor do Museu Histórico Nacional, a fim de com êle discutir as primeiras medidas necessárias à criação do Museu da República, a ser instalado no Palácio do Catete. Na oportunidade, o Presidente da República informou ao escritor que entregará o Catete, para as obras de adaptação, precisamente no mês de abril próximo, e que quer o Museu da República inaugurado no dia 15 de novembro do corrente ano. Podemos adiantar, ainda, que o Senhor Josué Montelo disse ao Presidente Juscelino Kubitschek que pretende res-taurar o Catete, tal como êle era, e que vai reconstituir o quarto do saudoso Presidente Getúlio Vargas, cujos móveis foram removidos ainda no governo Café Filho, para o Museu Histórico, e que agora voltarão ao “Palácio das Águias” (Museu [...], 1960a, p. 3).

O *Jornal do Brasil*, de 12 de fevereiro de 1960, também tratou do projeto de criação do Museu da República com a remontagem do Quarto de Getúlio (Palácio [...], 1960). A *Gazeta de Notícias*, de 15 de fevereiro de 1960, trouxe as palavras de Josué Montelo sobre a criação do Museu da República e da remontagem do Quarto de Getúlio.

A determinação do Presidente Kubitschek – prosseguiu o Sr. Josué Montello – é para que o Museu da República seja oficialmente inaugurado já no dia 15 de novembro deste ano. Para o Catete voltará, assim, o quarto onde morreu o ex-presidente Getúlio Vargas, sua cama, seus móveis, seus utensílios que, atualmente, se encontram em exposição na Sala “24 de agosto” aqui no Museu Histórico Nacional (Catete [...], 1960).

O *Diário Carioca*, de 16 de novembro de 1960, debruça-se sobre a inauguração do Museu da República, ocorrida no dia anterior. Em um texto cheio de referências históricas, a reportagem afirma que

no momento em que o chefe da nação deu por inaugurado o museu, o velho Palácio das Águias passou definitivamente à História. E os presentes passaram a percorrer um tanto comovidos as dependências que encerram recordações felizes e trágicas, e também segredos eternos. À vista do quarto onde Getúlio se matou houve quem enxugasse uma lágrima (O Museu [...], 1960).

A matéria “Museu da República: luxo e esplendor”, do jornal *A Noite*, de 21 de dezembro de 1960, afirmou que “a maior atração de todo o museu é o quarto que pertenceu ao Presidente Getúlio Vargas, testemunha muda da tragédia de 24 de agosto de 1954. De impressionante simplicidade, seus móveis e objetos conservam a mesma disposição do dia dramático”.

O Clipping do Museu da República, na série Recortes, no ano de 1961, possui um folheto, datado de 5 de novembro daquele ano, anunciando uma excursão ao Museu da República:

Excelente visita ao Museu da República [sic.] Dia 11 dêste mês sairá um ônibus da rua 54, nº 27, levando uma caravana de visitantes. Às pessoas interessadas em conhecer esta majestosa lembrança nacional onde morreu Getúlio Vargas defensor dos nossos ideais de brasilidade contra opressão dos agressores da humanidade, poderão se apresentar. Estes visitantes,

visitarão a Igreja da Penha pedindo a Deus que defenda nossa pátria dos efeitos da bomba atômica. Pela ordem os excursionistas devem pagar adiantado. Maria dos Anjos, Volta Redonda, 5 de novembro de 1961 (Anjos, 1961).

O *Jornal*, em seu suplemento de turismo, na reportagem “Catete (agora museu) conta a história da República”, trouxe a frase “uns rezam e outros choram diante do quarto em que Getúlio morreu”, afirmando ainda que o local era a principal atração do recém-inaugurado museu. A reportagem, ao se referir ao quarto diz que “conservado na mesma disposição de quando morava ali o ex-presidente, seu quarto mostra uma das decorações das mais simples, na riqueza do ex-palácio. Pessoas choram, e até velas já quiseram acender na porta em homenagem ao desaparecido presidente”.

Em 22 de maio de 1962, no *Correio da Manhã*, há uma crônica de Carlos Heitor Cony, “Da arte de falar mal: Museu da República” (Cony, 1962), onde relata uma visita ao Museu da República para satisfazer a curiosidade de conhecidos sobre o Quarto de Getúlio. O quarto em si mereceu poucas palavras: “arrumadinho, ainda impressiona”. Mas a museografia do museu e sua abundância em espadas, leques e xícaras não escaparam às críticas mordazes.

O caderno feminino do mesmo jornal, de 18 de novembro de 1962, traz a reportagem “Roteiro de relíquias contam história da República”, com a seguinte referência: “o quarto de Getúlio traz à nossa memória uma época violenta do atual regime, um período difícil para todos nós: cheios de angústias e problemas” (Roteiro [...], 1962). Na conjuntura de crise política do governo de João Goulart essa frase final parece um desabafo.

Analisando os recortes do *clipping*, uma das percepções é a de que, após o golpe de 1964, o Quarto de Getúlio vai perdendo o protagonismo, ao menos nas páginas de jornais. Inicialmente, por questões bastante práticas, como a da manutenção do espaço, e por outras bastante complicadas, como a ocupação dos espaços do museu e, inclusive, a ameaça de Sandra Cavalcanti, política lacerdista então presidente do Banco Nacional da Habitação – BNH, de instalar no próprio Palácio do Catete uma repartição do governo, ato interpretado por parte da imprensa como retaliação por conta da grande visita ao Quarto de Getúlio (Catete [...], 1964).

Ainda assim, havia referências como a encontrada no jornal *Diário de Notícias*, de 26 de junho de 1966. A reportagem “Museu guarda história centenária do Palácio” faz a seguinte afirmação:

Como museu, o Palácio do Catete tem tido uma frequência anual de 280 mil pessoas, com a média mensal de 18 mil. Em julho, devido às férias, é quando recebe mais visitantes. Ano passado, nesse mês, a frequência foi de 34 mil pessoas. O quarto do presidente Getúlio Vargas é a dependência mais visitada, inclusive, por turistas. O museu transmite ainda os acontecimentos que no ano de 1954 mudaram o curso da política brasileira. [...] Mas é num quarto simples do terceiro andar, onde a maioria dos visitantes choram a morte de Vargas. Lá, onde foi encontrada numa pequena mesa, a carta-testamento de Getúlio, estão quatro cadeiras, duas mesinhas de cabeceira, uma cama de casal e, agora, sua máscara mortuária (Museu [...], 1966).

O texto é aparentemente simpático à memória de Vargas, o que não era de interesse para o governo da Ditadura Militar, que se instalou em 1964, justamente derrubando o grupo ligado a Getúlio Vargas. Nesse contexto, uma resenha sobre um museu pode ter aberto uma janela para elogiar opositores do regime. Em compensação, ainda esse ano foi inaugurada uma exposição comemorativa dos cem anos da construção do palácio, com objetos de todos os presidentes, onde se fez questão de citar presidentes de mandato efêmero, como Café Filho, e não destacar Vargas excessivamente, ainda que haja eventuais referências à simplicidade do Quarto de Getúlio (Catete [...], 1966).

“‘Museu da República’ ponto de atração para turistas”, publicada em 9 de fevereiro de 1968, n.º *Jornal*, afirma que, no ano anterior, o museu havia recebido 90.598 visitantes, dentre estes 1.600 estrangeiros. O Quarto de Getúlio ainda permanecia como o setor mais procurado pelo público (Museu [...], 1968).

Se são dignas de nota as frequentes referências de alguns periódicos a Getúlio, deve-se notar, em oposição, as lacônicas, quando existentes, referências d’*O Globo* a Vargas no clipping do Museu da República, talvez porque este veículo fez franca oposição ao ex-presidente e foi, inclusive, atacado no dia do suicídio do mesmo, em 24 de agosto de 1954. Em 1968, encontram-se no clipping inúmeras reportagens sobre a inauguração da Sala Castelo Branco, que já não existe mais no museu.

Em 1969, o quarto voltou às manchetes por outras razões. Dois homens incendiaram móveis do Quarto de Getúlio Vargas e os de outro recinto, o quarto em homenagem a Pio XII, que havia se hospedado no local, também situado no terceiro andar do Palácio do Catete. “Fogo no museu foi de origem Criminosa” foi a matéria do *Diário de Notícias* de 1 de outubro de 1969. O jornal *Última Hora* (1969) deu a chamada de capa “Tocou fogo na cama de Vargas e Pio XII” e, na página quatro, a matéria possui a chamada “Incendiaram os aposentos de Getúlio”. O *Globo* (1969) publicou “Incêndio criminoso no Museu da República: suspeito preso”, tratando do incêndio no quarto onde Getúlio “morreu”. No dia seguinte, ambos os autores do crime estavam presos e a atitude foi explicada como fruto de bebedeira. O museu ficou fechado por conta do ocorrido (Capturado [...], 1969).

O *DIA*, de 3 de outubro de 1969, afirmou que as peças do Quarto de Getúlio já estavam sendo restauradas pela “equipe de marceneiros, carpinteiros, estofadores e lustradores” e que, em pouco tempo, as atrações estariam novamente disponíveis (Peças [...], 1969).

No dia 4 de novembro daquele ano, O *Globo* publicou que o museu reabriria apenas no dia 15 do corrente e que a cama de Getúlio e outros objetos do quarto ainda não haviam sido reparados (Só reabre [...], 1969).

No clipping, o quarto só é citado novamente na matéria “Entre um diretor e outro o museu vai se acabando”, do jornal O *Globo*, de 13 de fevereiro de 1971, que trata do abandono do museu nos últimos anos e dos problemas de sucessão do antigo diretor do Museu Histórico Nacional [Capitão de Fragata Léo Fonseca e Silva] e da indefinição para a nomeação de seu substituto, que durava meses. A matéria relata que o quarto do papa Pio XII ainda não havia sido restaurado e que no Quarto de Getúlio uma janela estava sem vidro, levando a inundações em dias de chuva forte (Entre um [...], 1971).

A reportagem “Um passeio de Domingo”, do *Jornal do Brasil* de 27 de maio de 1973 apresenta o palácio e afirma que o quarto ainda era o recinto mais procurado pelos visitantes, quase vinte anos depois do suicídio (Um passeio [...], 1973). O registro dos vinte anos da morte de Vargas no clipping é bastante curioso. Ele é citado apenas na matéria do velório do ex-presidente Eurico Gaspar Dutra,

realizado no Palácio do Catete, conforme relato n' *O Globo* de 18 de abril de 1974 (Madrugada [...], 1974).

Em 1983, já em pleno processo de redemocratização do Brasil, com a mudança de diretores da instituição e todo um contexto de maior liberdade de expressão, a valorização de Vargas no Museu da República voltou à tona. *O Globo* de 26 de abril de 1983 publicou, no caderno de bairro Botafogo, a matéria “Uma promessa: em maio, obras no museu” com fotos das palmeiras e do quarto de Getúlio e a legenda: “as palmeiras e o quarto de Getúlio, atrações do palácio que agora – a diretora Clara Sodré (à direita) garante – vai [sic] atrair a comunidade”. A matéria trata de doações de Alzira Vargas ao museu e da realização de uma exposição comemorativa e um ciclo de conferências para relembrar a importância do “estadista”. A então diretora afirmou que a presença de Getúlio Vargas foi a mais marcante na história do palácio, pelo tempo em que governou e por sua importância na história do Brasil contemporâneo. A matéria ainda afirma que o quarto de Getúlio era a atração principal do museu junto com o seu paletó e a bala do suicídio (Uma promessa [...], 1983).

Outra reportagem, do mesmo ano, “Num Catete restaurado, lembranças de um Getúlio Centenário”, trata da “exposição permanente Getúlio Vargas” montada no antigo cinema privativo do Palácio do Catete, e também há a informação de que o quarto estaria em restauração e fechado. Para compensar o fato e para agradar o “sodomasoquismo” dos visitantes, estavam expostos o pijama de Getúlio, a máscara mortuária e a cópia do laudo cadavérico (Num Catete [...], 1983). A reportagem, em suas entrelinhas, também mostra que havia uma nova diretora no museu, Lilian Barreto, que este havia sido desvinculado do Museu Histórico Nacional e que começava a grande restauração que fechou o palácio até 1989. Possivelmente, o Quarto de Getúlio estava fechado por conta das rachaduras que até hoje podem ser vistas no local.

Em 27 de abril de 1985, o *Jornal do Brasil* informou que o Quarto de Getúlio estaria reformado, aguardando o fim das obras do restante do palácio (Museu reserva [...], 1985).

Durante o período de obras, os assuntos principais tratados eram a falta de verbas e a remodelação da instituição, inclusive

na abordagem histórica das exposições, voltadas para conjunturas e não para personalidades ou grandes feitos, com o museu finalmente atualizando suas propostas expositivas junto às discussões historiográficas. Um exemplo é encontrado na matéria “Museu da República restaurado precisa de verba para reabrir”, d’*O Globo* de 11 de agosto de 1986. Além da questão financeira, há uma seção em que o título é “Historiadores querem mudar a visão de que o palácio só serviu a Getúlio”, onde se deixa mais clara a nova abordagem das exposições que seriam montadas no futuro (Museu da República [...], 1986).

A partir de 1989, o clipping sofre descontinuidade por conta de crises institucionais que levaram à destituição da diretora Lilian Barreto, e somente em 1991 há uma referência da então diretora, Helena Severo, à estreia da peça *O tiro que mudou a história*, encenada por alguns anos no palácio, tratando da crise que culminou no suicídio de Getúlio. Após 1991, o clipping só retorna com matérias esparsas em 2006 e 2007, que não tratam do Quarto de Getúlio. Para reconstituir o período ente 1991 e 2025, ano em que este artigo foi escrito, é necessário recorrer a registros institucionais ou a Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional ou a artigos acadêmicos que pesquisaram o Museu da República.

Dentre as ações que utilizaram o espaço, fizeram referência a ele ou performances artísticas com participação institucional, destaca-se a já citada peça *O tiro que mudou a história*, de Aderbal Freire Filho, que estreou em 24 de agosto de 1991. A peça ocorria por todo o Palácio do Catete, inclusive no Quarto de Getúlio, e foi encenada por aproximadamente dois anos no local.

A exposição *Fala, Getúlio* foi inaugurada em 24 de agosto 1994, e a última etapa do circuito da mostra era no quarto, onde ficavam expostos o pijama e a bala que matou o ex-presidente (*Fala Getúlio* [...], 1994).

Ventura Republicana, uma exposição bastante “dessacralizadora” da política nacional, inaugurada em 1996, fez uma instalação “respeitosa” no quarto propriamente dito, com luz baixa e uma narração da Carta-testamento. A *Folha de S. Paulo* publicou uma matéria sobre a exposição com o título “Público revive suicídio de Vargas no Catete” (*Público* [...], 1997).

Em 24 de agosto de 1999, foi inaugurada a mostra *Eu, Getúlio*, em quatro salas do Palácio do Catete (Gegê, 1999). *Getúlio, Presidente do Brasil* foi inaugurada em 2004, no Palácio do Catete no Jardim Histórico e na Galeria do Lago, com o quarto sendo parte da mostra.

Diversas outras exposições foram realizadas sobre Vargas, mas não especificamente citaram ou envolveram o Quarto de Getúlio. A memória de Vargas, vinculada ao espaço por conta dos acontecimentos de 24 de agosto, de certa forma, legitimam qualquer mostra ou efeméride sobre Vargas no Palácio do Catete, por isso se faz referência a outras exposições sobre Getúlio que ocorreram no Museu da República ao longo dos anos.

Em 2010, foi realizada a exposição *A Res Publica Brasileira*, onde um módulo inteiro, a terceira conjuntura, tratou do primeiro governo Vargas, mas o Quarto de Getúlio ficava à margem do circuito, separado da mostra.

Dr. Getúlio: Entre o Trabalho e os Livros, exposição de 2011, foi inaugurada em 24 de agosto daquele ano. Em 2013, foi inaugurada a exposição *Trabalho, Luta e Cidadania*, que, apesar de focar a luta dos trabalhadores por direitos, não tinha como escapar de Getúlio.

Por ocasião dos sessenta anos da sua morte, foi realizada a exposição *Saio da vida para entrar na memória*, cuja identidade visual foi inspirada nas cores do pijama de Getúlio. Uma exposição virtual de 2015 ainda pode ser vista no site do Museu da República: *Dedica-tórias a Getúlio Vargas: Fragmentos de uma Biblioteca*.

No mesmo ano de 2015, o museu esteve fechado à visitação entre fevereiro e dezembro, por conta de problemas de manutenção, sendo reaberto apenas o Quarto de Getúlio, no dia 22 de dezembro. (Museu da República [...], 2015).

Em 2017, na exposição *Gabinete Republicano de Histórias Contro-versas, Não-Ditas e Malditas*, Getúlio fez parte do módulo “Getúlio Vargas: radicalmente ambíguo”.

Em 2024, foi montada mais uma exposição, dessa vez ao lado do Quarto de Getúlio, alusiva aos setenta anos da morte de Vargas. *O quarto que entrou para a história* trata justamente da relação do Quarto de Getúlio com o Museu da República como instituição museológica.

Cabe ressaltar que, em 2025, todo o segundo e terceiro andares do Palácio do Catete estiveram fechados novamente por conta de questões de restauração e preservação e o quarto esteve novamente fechado para visitação, tendo sido deslocadas as vitrines e acervos do Quarto de Getúlio e da exposição anexa para o térreo, para tentar suprir a impossibilidade de visitas ao local.

A memória de Getúlio: um fenômeno atual e em constante reconstrução

Ao longo das últimas sete décadas, o Quarto de Getúlio tornou-se objeto de inúmeras reportagens e atração principal para incontáveis visitantes que por lá passaram. Transformado em uma espécie de santuário para getulistas e trabalhistas, o espaço carrega uma aura de reverência. O ambiente permanece pouco inalterado desde o fatídico 24 de agosto de 1954.

A leitura do local e a abordagem museológica dele foi, durante décadas, objeto de discussões internas e externas. Como visto, o quarto foi uma grande atração da instituição desde sua criação, mas houve inúmeros questionamentos com relação à ênfase dada ao espaço, que jogaria sombra na missão do Museu da República, que é tratar do período republicano no país, não se tornar o museu de um presidente. Nessa tensão entre os que desejam tirar o foco de Getúlio e as demandas da própria sociedade pela celebração de sua memória, notamos como essa questão possibilita refletir sobre a museologia, a história e a memória que perpassam a instituição, afetando as escolhas museológicas e, muitas vezes, mostrando como o local é um lugar de memória de certos grupos sociais ainda hoje.

De fato, houve mudanças na museografia e no entendimento da missão institucional, principalmente a partir do início dos anos 1980, no contexto de redemocratização e das discussões sobre a nova museologia, voltando o museu para a comunidade e, posteriormente, focando a museologia social. Viu-se também um grande esforço, nesse período, em desviar o olhar das exposições “memoriais” concentradas em autoridades e acervos da elite republicana para uma abordagem que buscasse compreender a história republicana por

um viés social ou conjuntural. Em reportagens, houve nominalmente o desejo de tirar o protagonismo de Getúlio (Museu da República [...], 1986). Houve até sugestões de que a peça *O tiro que entrou para a história* seria uma forma de “exorcizar” Getúlio do museu, de tanto que sua presença ainda era forte em 1991 (Cardoso, 2018).

Por outro lado, também há pressão social para que esse “legado” de Getúlio no local não seja esquecido. Ao longo dos últimos 65 anos do Museu da República, o dia 24 de agosto sempre tem recebido a frequência de familiares, políticos, getulistas de várias idades, alguns que sequer eram nascidos em 1954, para homenagear Vargas. O museu tem, inclusive, uma tradição institucional de recolocar o pijama em exposição nesse dia, o que acaba reforçando essa memória, que sempre recebe cobertura da mídia. Não é incomum, nessa data ou na semana anterior, o museu receber visitas de movimentos sociais e partidos políticos que se enxergam como sucessores do getulismo, quando costumam ir ao Quarto de Getúlio e ler a Carta-testamento. Anualmente, vemos ações de trabalhistas dos mais diversos espectros políticos homenagearem Getúlio nesse dia, seja com discursos, visitas organizadas para lembrar de Vargas e seu legado ou apenas marcar posição política.

FLB-AP do Rio promove solenidade e visita guiada ao Palácio do Catete
Por Wellington Penalva
14/08/2025

Evento marca 71 anos do suicídio de Getúlio Vargas e reforça a luta pela soberania nacional. No dia 21 de agosto, a Fundação Leonel Brizola – Alberto Pasqualini (FLB-AP) promoverá uma tarde de memória e reflexão no Rio de Janeiro. O evento marca os 71 anos do suicídio de Getúlio Vargas e terá como tema “A atualidade da luta em defesa da soberania nacional”.

A programação começa às 13h30, com a concentração dos participantes em frente ao Palácio do Catete, sede do Museu da República. Em seguida, das 14h às 15h, haverá visita guiada ao local, conduzida por militantes do PDT, que apresentarão detalhes da história política brasileira, do trabalhismo e do legado de Getúlio. O roteiro inclui espaços com acervo sobre o ex-presidente e uma exposição especial sobre a pandemia de Covid-19.

Das 15h às 16h, os jardins do palácio serão palco de uma solenidade política, com leitura da histórica Carta-testamento de Getúlio Vargas e falas

de militantes históricos, intelectuais, lideranças de movimento e do presidente da FLB-AP do Rio de Janeiro, Leo Lupi.

O encontro pretende reafirmar a importância da soberania nacional diante dos desafios contemporâneos, resgatando o exemplo de Getúlio Vargas e seu compromisso com o povo brasileiro.

Local: Palácio do Catete – Rua do Catete, 153 – Catete, Rio de Janeiro/RJ

Data: 21 de agosto (quinta-feira)

Horários: 13h30 – Concentração em frente ao museu

14h às 15h – Visita guiada

15h às 16h – Solenidade nos jardins (Penalva, 2025).

Seria possível pensar o local como um lugar de memória nos baseando no texto de Pierre Nora “Entre Memória e História: a problemática dos lugares” (1993)? Parafraseando Nora (1993, p. 21), um lugar de memória de aparência puramente material, um quarto, por exemplo, só é um lugar de memória se a imaginação o investe de uma aura simbólica. E, mesmo hoje, diante da multiplicidade de interpretações que se dá ao espaço, devemos nos recordar de que a memória, ali celebrada por muitos, envolve lembranças, mas também esquecimentos e apagamentos, especialmente dos momentos mais negativos da figura de Getúlio, seu papel como líder golpista, como ditador no Estado Novo, a perseguição brutal a comunistas, por exemplo. Pierre Nora mostrou que “A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, suscetível de longas latências e de repentinhas revitalizações. A História é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais” (Nora, 1993, p. 9).

Michael Pollak, por sua vez, trata das memórias e lembra que elas são voláteis. No texto “Memória e identidade social” (1992), Pollak mostra como testemunhas das grandes guerras na Europa, com o passar dos anos, misturavam as lembranças, suas e dos pais, e passavam, com o tempo, a relatar memórias que não possuíam nos depoimentos próximos aos fatos. Com os frequentadores do Quarto de Getúlio se verifica fenômeno parecido. Não é incomum encontrar “amigos de Getúlio” ou pessoas que afirmam ter conhecido e convivido com o ex-presidente que, ao serem perguntados sobre sua

idade, permitem ao interlocutor saber que tinham dez, onze, doze anos quando Vargas morreu. Muitos deles vêm ao museu nos dias 24 de agosto prestar homenagens ao “amigo”. Outros tantos vêm por conta das memórias de seus pais.

José D’Assunção Barros (2017) procurou trazer um panorama das relações entre memória e história desde as proposições de Halbwachs, no século XX, até as questões mais atuais. Alertando que as relações sobre história e memória são demasiadamente complexas para serem esgotadas num artigo, mostra que é importante ter a dimensão de que essa discussão envolve atualmente questões conceituais como o “presentismo”, a contaminação da memória pela história e o movimento contrário, da história pela memória coletiva, e diversas outras abordagens relativas a essa temática. Essa diversidade de discussões mostra que há variadas possibilidades no futuro do estudo sobre o Quarto de Getúlio, seu espaço, suas memórias e apropriações.

Getúlio disse que “só morto deixaria o Catete”. Mas, de certa forma, Getúlio nunca deixou o local. Sua memória ainda permanece ali com muita força, e, curiosamente, sempre que se fala do Museu da República, quase invariavelmente se fala do “Velho”. Quando foi criado, em 1960, o museu foi concebido com a ideia de reabrir o Quarto de Getúlio, que até hoje é uma espécie de local de peregrinação e protestos, após 71 anos, e que ainda desperta o interesse da sociedade. No entanto, o local transcende seu papel de ponto de “peregrinação” histórica ou de mera curiosidade. A reflexão sobre os eventos de 1954 traz à tona a possibilidade de discussões sobre temas ainda atuais, como os projetos de nação, o respeito à democracia e, também, sobre a memória do espaço.

Referências

"MUSEU da República" ponto de atração para turistas. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 9 fev. 1968. Seção 1968, p. 3-4. Série Recortes – Clipping. Museu da República. Acervo Museu da República.

ANJOS, Maria dos. Excelente visita ao Museu da República. *Folheto*, 5 nov. 1961. Seção 1961, p. 2 Série Recortes – Clipping. Museu da República. Acervo Museu da República.

BARROS, José D'Assunção. Tempos e lugares da memória – Uma relação com a História. *Historiæ*, Rio Grande, v. 8, nº 1, p. 9-30, 2017. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/hist/article/view/3637>. Acesso em: 20 out. 2025.

BRANDI, Paulo. Getúlio Dornelles Vargas. In: CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL. *Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro*. 2001. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/brasil/dhbb/Getulio%20Vargas.pdf>. Acesso em: 20 out. 2025.

CAPTURADO o segundo incendiário do museu. *O Globo*, Rio de Janeiro, 2 out. 1969. Seção 1969, p. 12. Série Recortes – Clipping. Museu da República. Acervo Museu da República.

CARDOSO, Ricardo José Brügger. O tiro que mudou a história: um museu como lugar da cena teatral. *V!RUS*, nº 2, v. 16, 2018. Disponível em: <https://revistas.usp.br/virus/article/view/228546>. Acesso em: 17 out. 2025.

CATETE (agora museu) conta a história da República. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 15 mar. Seção 1961, p. 4. Série Recortes – Clipping. Museu da República. Acervo Museu da República.

CATETE já será Museu da República no próximo quinze de novembro. *Gazeta de Notí-*

cias, Rio de Janeiro, 19 mai. 1960. Seção 1960, p. 4. Série Recortes – Clipping. Museu da República. Acervo Museu da República.

CATETE tem a taça do mundo de Kubitschek. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 3 jul. 1966. Seção 1966, p. 16. Série Recortes – Clipping. Museu da República. Acervo Museu da República.

CATETE: Palácio da República em Agonia. *Última Hora*, Rio de Janeiro, 26 nov. 1964. Seção 1964, p. 9. Série Recortes – Clipping. Museu da República. Acervo Museu da República.

CONY, Carlos Heitor. Da arte de falar mal: Museu da República. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 22 mai. 1962. Seção 1962, p. 2. Série Recortes – Clipping. Museu da República. Acervo Museu da República.

D'ARAUJO, Maria Celina. *A Era Vargas*. São Paulo: Moderna, 1997. (Coleção Polêmica).

DUARTE, Bárbara Társa; CHAGAS, Mario de Souza. Documentação, museu e memória: a coleção Getúlio Vargas e a formação do imaginário social. *Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, v. 25, n., 2020. Disponível em: <https://brapci.inf.br/v/150028>. Acesso em: 22 abr. 2026.

ENTRE UM diretor e outro o museu vai se acabando. *O Globo*, Rio de Janeiro, 13 fev. 1971. Seção 1971, p. 1. Série Recortes – Clipping. Museu da República. Acervo Museu da República.

FOGO no museu foi de origem criminosa. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 1 out. 1969. Seção 1969, p. 9. Série Recortes – Clipping. Museu da República. Acervo Museu da República.

GEGÊ interativo. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 24 ago. 1999. Caderno B, p. 1.

INCENDIARAM os aposentos de Getúlio. *Última Hora*, Rio de Janeiro, 1 out. 1969. Seção 1969, p. 10. Série Recortes – Clipping. Museu da República. Acervo Museu da República.

INCÊNDIO criminoso no Museu da República: suspeito preso. *O Globo*, Rio de Janeiro, 1 out. 1969. Seção 1969, p. 11. Série Recortes – Clipping. Museu da República. Acervo Museu da República.

KOIFMAN, A. B. N. *Dicionário dos Presidentes do Brasil*. Rio de Janeiro: Rio Gráfica, 1997.

LAMARÃO, Sergio. Carta-testamento. In: CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL. *Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro*. 2001. Disponível em: <https://atlas.fgv.br/verbete/5759>. Acesso em: 18 out. 2025.

LUSTOSA, Isabel. *Histórias de presidentes: a república no Catete*. Petrópolis: Vozes; Rio de Janeiro: FCRB, 1989.

MADRUGADA no Catete: as luzes se acendem, vinte anos depois. *O Globo*, Rio de Janeiro, 18 abr. 1974. Seção 1974, p. 2. Série Recortes – Clipping. Museu da República. Acervo Museu da República.

MUSEU da República reabre quarto onde Getúlio se suicidou. *Agência Brasil*, 22 dez. 2015. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/cultura/noticia/2015-12/museu-da-republica-reabre-visitacao-o-quarto-onde-getulio-se-suicidou>. Acesso em: 18 out. 2025.

MUSEU da República restaurado precisa de verba para reabrir. *O Globo*, Rio de Janeiro, 11 ago. 1986. Seção 1986, p. 5. Série Recor-

tes – Clipping. Museu da República. Acervo Museu da República.

MUSEU da República. *Última Hora*, Rio de Janeiro, 8 fev. 1960a. p. 3. Seção 1960, p. 1. Série Recortes – Clipping. Museu da República. Acervo Museu da República.

MUSEU da República: luxo e esplendor. *A Noite*, Rio de Janeiro, 21 dez. 1960. Seção 1960, p. 23. Série Recortes – Clipping. Museu da República. Acervo Museu da República.

MUSEU guarda história centenária do Palácio. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 26 jun. 1966. Seção 1966, p. 8. Série Recortes – Clipping. Museu da República. Acervo Museu da República.

MUSEU reserva espaço para Tancredo e Nova República. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 27 abr. 1985. Seção 1985, p. 6. Série Recortes – Clipping. Museu da República. Acervo Museu da República.

NORA, Pierre. Entre memória e história. A problemática dos lugares. Tradução: Yara Aun Khoury. *Projeto História*, São Paulo, v. 10, jul./dez., 1993.

NUM CATETE restaurado, lembranças de um Getúlio Centenário. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 14 nov. 1983. Seção 1983, p. 4. Série Recortes – Clipping. Museu da República. Acervo Museu da República.

O MUSEU da República emociona os presentes. *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 16 nov. 1960. Seção 1960, p. 18. Série Recortes – Clipping. Museu da República. Acervo Museu da República.

PALÁCIO do Catete será Museu da República a partir de 15 de novembro. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 12 fev. 1960. Seção 1960, p. 5. Série Recortes – Clipping. Museu da República. Acervo Museu da República.

PEÇAS do quarto de Getúlio já estão sendo restauradas. *O Dia*, Rio de Janeiro, 3 out. 1969. Seção 1969, p. 13. Série Recortes – Clipping. Museu da República. Acervo Museu da República.

PEIXOTO, Alzira Vargas do Amaral. *Getúlio Vargas, meu pai: memórias de Alzira Vargas do Amaral Peixoto*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2017.

PENALVA, Wellington. FLB-AP do Rio promove solenidade e visita guiada ao Palácio do Catete. Partido Democrático Trabalhista – PDT, 14 ago. 2025. Disponível em: <https://pdt.org.br/index.php/flb-ap-do-rio-promove-solenidade-e-visita-guiada-ao-palacio-do-catete/>. Acesso em: 18 out. 2025.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, nº 10, p. 200–212. 1992.

PÚBLICO revive suicídio de Vargas no Catete. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 15 set. 1997. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/turismo/fx150913.htm>. Acesso em: 18 out. 2025.

REMÉDIOS, Maria Luiza R. A Preservação da Vida na Escrita: O Diário de Getúlio Vargas. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 9, nº 17, p. 205–214. 1996. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2015/1154>. Acesso em: 22 abr. 2026.

RODRIGUES, Marcus Vinícius Macri. *Um Palácio Quase Romano: o Palácio do Catete e a invenção de uma tradição clássica nos trópicos*. Rio de Janeiro: Museu da República, 2017.

ROTEIRO de relíquias contam história da República. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 18 nov. 1962. Seção 1962, p. 13. Série Recortes – Clipping. Museu da República. Acervo Museu da República.

SÓ REABRE dia 15 o Museu da República. *O Globo*, Rio de Janeiro, 4 nov. 1969.

Seção 1969, p. 14. Série Recortes – Clipping. Museu da República. Acervo Museu da República.

TOCOU fogo na cama de Vargas e Pio XI. *Última Hora*, Rio de Janeiro, 1 out. 1969. Seção 1969, p. 10. Série Recortes – Clipping. Museu da República. Acervo Museu da República.

UM PASSEIO de Domingo. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 27 mai. 1973. Seção 1973, p. 3–4. Série Recortes – Clipping. Museu da República. Acervo Museu da República.

UMA PROMESSA: em maio, obras no museu. *O Globo*, Rio de Janeiro, 26 abr. 1983. Caderno Botafogo. Seção 1983, p. 1. Série Recortes – Clipping. Museu da República. Acervo Museu da República.

UMA VISITA ao Museu Histórico Nacional. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 9 mar. 1956. p. 6.

VÃO DEIXAR o Catete os móveis de Vargas. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 31 mai. 1955. p. 1.

VARGAS, Getúlio. *Diário* (1930–1942). São Paulo: Siciliano; Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1995. 2 v.

WICHINHESKI, Leonardo Cardoso; PETRY RAHMEIER, Andrea Helena. O governo provisório de Vargas: um olhar sobre a escrita privada do presidente. *Revista Universo Acadêmico*, Taquara, v. 8, jan./dez., p. 189–212. 2015. Disponível em: https://www2.faccat.br/portal/sites/default/files/10_o_governo.pdf. Acesso em: 22 abr. 2026.

Marcus Vinícius Macri Rodrigues | Doutor e mestre em História Comparada pelo Programa de Pós-graduação em História Comparada (PPGHC) da UFRJ. Técnico em Assuntos Culturais – História, do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), atuando no Museu da República – RJ desde 2010. Autor do livro *Um palácio quase Romano: o Palácio do Catete e a invenção de uma tradição clássica nos trópicos* (2017). Foi curador de exposições e organizador de eventos no Museu da República e instituições parceiras. E-mail: marcusmacri@yahoo.com.br | ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-5982-486X> | Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3112815464156904>.

<< Voltar ao início